



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO DE TECLAS

Karen Caroline Borges Carmelo¹
Cássia Virgínia Coelho de Souza²

O projeto de extensão “Curso de música com teclados” acontece semanalmente no Departamento de Música (DMU) da UEM. Destinado ao público de 12 a 16 anos o curso objetiva desenvolver o conhecimento de conteúdos musicais a partir do ensino coletivo de música com instrumentos de teclas. O projeto fundamenta-se em autores como Reinoso (2012), Cerqueira (2009), Trajano (2012), Santiago (1995), Borges (2010), Torres e Araújo (2012), França e Azevedo (2012), Souza (2010) entre outros, que explanam sobre o ensino de música coletivo: suas vantagens, desvantagens e as formas metodológicas possíveis. O eixo metodológico norteador do projeto é o Modelo C(L)A(S)P de Swanwick (1979) o qual prevê atividades de apreciação, composição e performance norteados pela técnica e literatura. A partir de uma abordagem rizomática e que considere o cotidiano e a preferência dos alunos são propostas atividades de percepção, de escalas, de transposição, de harmonização. Busca-se promover a leitura intuitiva da notação tradicional, o aprendizado da técnica do teclado e a ampliação de repertório. É possível perceber os resultados musicais desse processo, como o desenvolvimento nos alunos da noção de pulso, de transposição, da técnica do instrumento de teclas, da formação de acordes, execução de escalas, entre outros. Nota-se que eles estão dispostos a resolverem os problemas que surgem durante as aulas e se ajudam mutuamente, com entusiasmo e motivação.

Palavras-chave: Educação Musical. Ensino coletivo. Ensino de instrumento de teclas.

Área temática: Educação.

Coordenador(a) do projeto: Cássia Virgínia Coelho de Souza, cvcoelhosouza@gmail.com, Departamento de Música e Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

O projeto de extensão intitulado “Curso de música com teclados” acontece no Departamento de Música (DMU) da Universidade Estadual de Maringá. O projeto com formato de oficina de teclado em grupo está acontecendo pelo 2º ano consecutivo, porém com ministrantes diferentes. O projeto destina-se ao público de 12 a 16 anos e conta com uma hora semanal. O curso se iniciou em abril e irá finalizar em novembro, totalizando 32 aulas.

O objetivo geral do projeto é desenvolver o conhecimento de conteúdos musicais a partir do ensino coletivo de música com instrumentos de teclas. O aluno é introduzido na técnica do teclado de forma que se busca ampliar o repertório musical

¹ Discente do Curso de Graduação em Música – Habilitação em Educação Musical. Departamento de Música (DMU) – UEM.

² Doutora em Música pela UFBA. Professora do Curso de Graduação em Música – Habilitação em Educação Musical. Departamento de Música (DMU) – UEM.



deste, favorecer o conhecimento dos parâmetros do som, desenvolver a noção de padrões rítmicos e melódicos, fórmulas de compasso, harmonização, tríades e forma. Além disso, busca-se desenvolver no aluno uma consciência de grupo na qual interação, sociabilidade, compartilhamento de ideias, exposição de críticas e sugestões estejam em evidência durante cada aula e proporcione que o aluno tenha análise e crítica musical.

Na revisão de literatura foi feito um levantamento sobre o ensino coletivo de instrumento contando com os autores: Reinoso (2012), Cerqueira (2009), Trajano (2012), Santiago (1995), Borges (2010) e Torres e Araújo (2012). Reinoso (2012) apresenta um aspecto histórico do ensino coletivo de piano (EPG) e recorda que este se desenvolveu durante século XX nos Estados Unidos da América e devido a percepção dos vários aspectos positivos se expandiu para outros países. No Brasil o EPG foi introduzido na década de 70. Tem-se como princípio que os alunos aprendem não só com o professor, mas também entre si, além de considerar que a criança aprende mais em grupo, no qual existe o fator competição que aguça o desenvolvimento. Cerqueira (2009) e Trajano (2012) sugerem que o ensino coletivo promove a democratização do acesso à música. Trajano (2012) ressalta que se trata de um aprendizado eficiente. Para ele, o ensino coletivo é mais interessante e divertido, devido a interação entre os alunos, isto promove cooperação e motivação, além de intercâmbio sociocultural. Trajano (2012) lembra que este formato de ensino não visa a formação de músicos profissionais, porém é possível que alguns alunos optem por isso. Santiago (1995) elenca as várias vantagens desse ensino, por exemplo, o tempo melhor utilizado, a constante oportunidade da prática musical coletiva e o hábito que o aluno adquire de tocar para outras pessoas. Borges (2012) defende que o ensino coletivo de piano humaniza o aprendizado de piano, deixando de ser apenas técnico, mas um ambiente que se caracterize por vínculos afetivos de qualidade que acabam por afetar os resultados. Torres e Araújo (2012) explanam sobre a função do professor mediador que busca uma metodologia integradora, com alunos que se articulem dentro do grupo e formulem soluções.

Metodologia

O curso acontece com aulas no formato de Oficina de Música. A Oficina de Música é um processo metodológico que se expandiu no Brasil, a partir da década de 1960, que tem como característica a exploração orientada de materiais e o fazer do aluno construindo o conhecimento em pauta. Cada oficina (aula) possui um plano com objetivos e conteúdos avulsos, ou seja, não precisa seguir uma ordem específica dentro do currículo proposto, não havendo, portanto, sequência determinada de conteúdos ou pré-requisitos. Souza (2010) aponta que esta proposta é resultado da difusão das ideias de Koellreuter³, na qual se incentiva a criação e valorização do novo e diferente. Segundo a autora as características da oficina de música são o envolvimento com o contexto do aluno, a reunião por faixa etária e o trabalho ativo, que se baseia na criação e criatividade e a partir da experiência busca a descoberta e a construção.

³ Hans Joachim Koellreuter foi compositor e educador musical alemão erradicado no Brasil e naturalizado brasileiro. Sua pedagogia prevê a formação integral dos seres humanos. Para ele o tempo de aula deve ser aproveitado para se produzir música, questionar, debater. Koellreuter considerava que os elementos da música contemporânea deveriam ser incorporados na educação musical.



Para a execução das aulas que acontecem no Departamento de Música da Universidade Estadual de Maringá. São disponibilizados 5 instrumentos de teclas, sendo que em cada instrumento podem ficar até dois alunos. As aulas acontecem semanalmente com a duração de uma hora e contam com 4 alunos de 12 a 15 anos. Usa-se como eixo norteador o Modelo C(L)A(S)P de Swanwick (1979) o qual prevê atividades de apreciação, composição e performance norteados pela técnica e literatura. Segundo França e Azevedo (2012) atividades nesse formato são fundamentais para uma educação musical abrangente. As autoras afirmam que a composição gera a compreensão do funcionamento das ideias musicais. A performance promove uma vivência musical criativa e expressiva, além disso, ao executar a própria composição, o aluno toca algo apropriado a seus dedos expressando ideias próprias e articula elementos musicais mais refinados que a maioria do repertório de iniciação ao piano. Por fim, França e Azevedo (2012) relatam que a apreciação deve conscientizar o aluno de aspectos musicais tendo em vista o nível de complexidade para assimilação pela turma.

O ensino acontece em grande parte por meio de imitação e improvisação; a leitura musical está sendo desenvolvida com o tempo, no decorrer das aulas. Prioriza-se que o aluno execute primeiro e depois aprenda a ler e escrever a grafia musical. Baseado em Cerqueira (2009) tem-se como procedimento básico a construção de arranjos para o grupo de forma que permita que alunos iniciantes executem uma música que poderia estar distante de ser tocada individualmente. Dessa forma, podem-se mesclar alunos de diversos níveis o que promove o enriquecimento da vivência musical e gera uma competição sadia.

O repertório escolhido leva em consideração o cotidiano dos alunos, as suas preferências, porém o projeto objetiva também a ampliação do repertório da turma. São abordadas melodias do repertório pianístico e músicas populares. França e Azevedo (2012) dizem que é preciso levar em conta o que é contextual ao aluno, as condições culturais e sociais do mesmo.

Os conteúdos são configurados a partir de uma abordagem rizomática na qual há ligações não lineares, o que, segundo França (2006), consiste em:

uma rede de idéias com inúmeras possibilidades que podem se conectar a outras em direções múltiplas conforme oportunidades lhe apareçam. É antes um processo que um produto, aberto, alterável, modificável, sempre em construção. (FRANÇA, 2006, p. 69).

A avaliação é feita processualmente, sendo que ao fim de cada aula há um exercício que retoma os conteúdos desenvolvidos durante a aula com a finalidade de verificar o que foi ou não assimilado pelos alunos.

Discussão de Resultados

O projeto cumpriu 1/3 das aulas previstas e os resultados já estão visíveis. O curso conta com quatro alunos, sendo que um desses já participava do curso no ano passado. Este é o único que iniciou o curso nesse ano com alguma instrução sobre instrumento de teclas. A possibilidade de inserir pessoas de diferentes níveis na mesma turma se fundamenta na Teoria Espiral do desenvolvimento musical e cognitivo de Swanwick. Segundo Costa (2010), essa teoria sugere que o desenvolvimento musical parte do simples para o complexo, de maneira que um nível mais alto do conhecimento não elimina as etapas mais simples. Nota-se que os alunos já haviam assimilado conteúdos como formação de acordes, execução de



escalas maiores e transposição, porém suas posições de dedos, aspectos rítmicos e a percepção de melodias precisam se desenvolver mais. No decorrer das atividades sempre se dava uma função diferente a cada aluno, de forma que houvesse desafios, de maneira diferenciada nas questões relacionadas à técnica. Dessa forma, percebi que não se perdeu a motivação para as aulas e continuaram se desenvolvendo musicalmente.

Os alunos relatam que gostam da aula porque desde o início eles aprenderam a tocar. A ideia do projeto é que o aluno aprenda teoria musical a partir da sua vivência e isso tem apontado para bons resultados. A aprendizagem da leitura de partitura é um exemplo do que tem acontecido de modo bastante consciente. A cada música executada é entregue ao aluno a partitura correspondente, para que ele mesmo comece a fazer as relações com a música e sua grafia. Essa ideia da vivência antes da escrita é ressaltada por Ramos e Marino (2003), pois,

Para a introdução da leitura de partituras, necessitamos de um grau mínimo de envolvimento e intimidade do aluno com o instrumento a ser tocado. Consideramos que esse processo deve ser primorosamente preparado por intermédio de experimentações e vivências, como as improvisações, composições, música por audição e por imitação (RAMOS E MARINO, 2003, p. 44).

Um conteúdo musical importante é a noção de pulso, em especial quando se trata do ensino de música coletivo e os alunos são convidados a tocarem juntos. Esse aspecto foi bem desenvolvido nessa primeira etapa do projeto. No início do curso era difícil fazer com que tocassem juntos porque eles não respeitavam o andamento, porém agora, após diversas atividades de desenvolvimento do pulso há grande avanço na assimilação do pulso interno, na escuta dos outros.

Durante as aulas cada aluno é convidado a cantar o tempo todo, em especial no estudo de escalas, na percepção de melodias e em atividades de transposição. Isso promove uma conscientização da direção, saltos e rítmica dos fragmentos melódicos e os alunos desenvolvem a capacidade de reproduzir vocalmente o que estão tocando, ativando a percepção musical. Fucci Amato (2007) referindo-se ao canto coral elenca algumas vantagens do canto como o desenvolvimento da consciência tonal e rítmica e a afinação.

O aprendizado de acordes no projeto tem acontecido de maneira diferente do que propõe um ensino tradicional. Normalmente, se ensina um acorde de cada vez, primeiro sem acidentes, sem se preocupar com que o aluno perceba e entenda como se forma um acorde. No projeto, o ensino de acordes se iniciou com o entendimento de como este se forma, o que facilitou a compreensão pelos alunos e tornou o aprendizado mais rápido. Com poucas aulas eles já conseguem construir 11 tríades diferentes.

Borges (2010) se pergunta, porque grande parte de alunos submetidos a metodologia tradicional sente inibição para tocar em público. Em sua experiência como professora de piano na Escola de Música e Artes Cênicas da UFG percebeu que os alunos adolescentes têm problemas de inibição ao tocar em público, falta de motivação para o estudo e dificuldade de estudar o instrumento racionalmente. Ela relata que grande parte dos alunos tem um descaso com o estudo do instrumento e conseqüente desistência do curso. Ao refletir, ela se pergunta se não está faltando permitir que o aluno crie um sistema no qual ele se autodirija e construa suas próprias formas de estudo. Dessa forma, o projeto objetiva que o aluno seja capaz de direcionar seu estudo de acordo com seu interesse e relacionar as práticas



musicais com a vida cotidiana para que o interesse persevere e haja motivação durante todo o curso pelo estudo do instrumento.

Conclusões

Concluo que o projeto tem se desenvolvido de forma satisfatória, sendo que os conteúdos têm sido transmitidos e assimilados pelos alunos que se mantêm motivados e interessados na aula. Atribuo isso a contextualização com o cotidiano deles e a possibilidade de desenvolver conteúdos de forma não linear, fundamentado na abordagem rizomática das Oficinas de Música. Durante as aulas os alunos se mostram ativos para resolverem os problemas musicais que surgirem e colaboram uns com os outros. Além disso, noto uma competição sadia entre eles, que motiva o desenvolvimento musical.

Referências

- BORGES, Maria Helena Jayme. O ensino do piano na contemporaneidade: reflexões e desafios no repensar de paradigmas e práticas. IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. 2010.
- CERQUEIRA, Daniel Lemos. O arranjo como ferramenta pedagógica no ensino coletivo de piano. *Música Hodie*, v. 9, nº 1, p. 129-140, 2009.
- CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. BARRETO, Sidirley de Jesus. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental. A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recre@rte*, nº 3. 2005.
- COSTA, Maria Manuela Isaías Afonso da. O valor da música na educação na perspectiva de Keith Swanwick. Dissertação de Mestrado em Educação. Instituto e Educação da Universidade de Lisboa, 2009/2010.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino na escola regular. *Revista da Abem*, n. 15, p. 67-79, 2006.
- FRANÇA, Maria Filomena de Toledo Gorrado Barbosa; AZEVEDO, Sandra Leite de Souza. Por uma mudança de paradigma na iniciação musical ao piano. *Revista da ABEM*, v. 20, n.17, p. 141-148, jan.jun. 2012.
- FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musica. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007
- RAMOS, Ana Consuela; MARINO, Gislene. Iniciação a leitura musical no piano. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 9, 43-54, set. 2003.
- REINOSO, Ana Paula T. A inserção do ensino de piano em grupo no Brasil: episódios marcantes. *Anais do II SIMPOM*, 2012.
- SANTIAGO, Diana. As “oficinas de piano em grupo” da escola de música da Universidade Federal da Bahia (1989–1995). *Revista da ABEM*, v. 2, nº 2, p. 74-79, jun. 1995.
- SOUZA, Cássia Virginia Coelho de. A música contemporânea de concerto na Educação Musical. Artigo não publicado, 2010.
- SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.
- TORRES, Sérgio Inácio; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Um estudo de desenvolvimento sobre a aprendizagem do piano em grupo. *Revista O Mosaico*, n. 8, p. 21 – 35, Curitiba, jul./dez., 2012.
- TRAJANO, Tayane da Cruz. O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: o estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem da escola de música do Bom Menino. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.